



HOMOFOBIA FAMILIAR: NÚCLEO DISCRIMINATÓRIO DA POPULAÇÃO
LGBT

FAMILY HOMOPHOBIA: DISCRIMINATING CORE OF LGBT
POPULATION

Jorge Daniel Lucena de Santana¹; Vitória Sales Firmino²; Nathiene Patrícia Ferreira Amaral Rolim³; Aissa Romina Silva do Nascimento⁴

v. 1/ n. 1 (2018)
Janeiro / Dezembro

Aceito para publicação em
10/12/2018.

¹Graduando em Enfermagem pela
Universidade Federal de Campina
Grande-UFCG-Cajazeiras-PB;

²Graduando em Enfermagem pela
Universidade Federal de Campina
Grande-UFCG-Cajazeiras-PB;

³Mestre em Desenvolvimento e
Meio Ambiente pelo
PRODEMA/UFPB, Docente do
Curso de Graduação em Nutrição
da Faculdade São Francisco da
Paraíba-FASP-Cajazeiras-PB;

⁴Graduada em Ciências Sociais
pela Universidade Federal da
Paraíba-UFPB, Doutora em
Sociologia pela Universidade
Federal da Paraíba
(UFPB), Docente do Curso de
Graduação em Enfermagem da
Universidade Federal de Campina
Grande-UFCG-Cajazeiras-PB.

RESUMO: A família enquanto entidade que reivindica o direito de definir as normas da sexualidade entre seus componentes, é produto de uma construção histórica em que a heteronormatividade é imposta e a homofobia – em muitos casos – se manifesta como o instrumento para combater e doutrinar aqueles que não seguem os padrões sociais. A partir de uma revisão bibliográfica integrativa, com uma análise focada nas teorias pós-estruturalistas buscou-se refletir sobre a manifestação da homofobia no meio familiar, desenvolvendo ainda uma genealogia dos efeitos que esses comportamentos desencadeiam nos indivíduos. Observou-se que na família a homofobia ainda se manifesta de maneira obscura e é evidenciando uma carência de discussões acerca desta na literatura científica brasileira, embora apresente-se como algo considerado importante pelo auxílio na tentativa de minimizar os danos que acabam por ocorrer nos espaços classificados enquanto macrossociais. Conclui-se, portanto, que a família deve ser percebida enquanto um alvo para o desenvolvimento de políticas públicas educativas que defendam os direitos humanos e possam combater quaisquer tipos de discriminação e/ou violência.

Palavras-chave: LGBT; Violência Familiar; Homofobia.

ABSTRACT: The family, as an entity that claims the right to define the norms of sexuality among its components, is the product of a historical construction in which heteronormativity is imposed and homophobia - in many cases - manifests itself as the instrument to combat and indoctrinate those that do not follow social standards. From an integrative literature review, with an analysis focused on poststructuralist theories, we sought to reflect on the manifestation of homophobia in the family environment, developing a genealogy of the effects that these behaviors trigger on individuals. It was observed that in the family homophobia still manifests itself obscurely and is evidencing a lack of discussions about it in the Brazilian scientific

literature, although it is considered something important for the help in an attempt to minimize the damage that eventually occurs in the spaces. classified as macrosocial. It is concluded, therefore, that the family should be perceived as a target for the development of educational public policies that defend human rights and can combat any kind of discrimination and / or violence.

Keywords: LGBT; Family violence; Homophobia.

1. INTRODUÇÃO

Pode-se afirmar que o Brasil é um país construído sob ideologias com forte cunho cultural de base religiosa, onde a maioria das pessoas designam estereótipos, de acordo com essas crenças, que “devem” ser seguidos para que os homens e mulheres possam ser considerados pessoas de bem, o que auxilia na fortificação do desenvolvimento de pensamentos e comportamentos preconceituosos que – na maioria das vezes – se apresentam contra o direito de liberdade daqueles que não percebem-se encaixados nesses padrões (ALMEIDA 2017).

**REVISTA BRASILEIRA INTERDISCIPLINAR
EM SAÚDE, AMBIENTE E SOCIEDADE**

Situações que envolvem preconceito, discriminação e violência contra pessoas que se identificam enquanto lésbicas, gays, bissexuais, travestis e/ou transexuais (LGBT) são comuns na atualidade, o que não implica dizer que são normais. Estas auxiliam na fortificação da ideia de padrão, de acordo com Almeida (2017). Seguindo a linha de pensamento utilizada por Carrara, Ramos e Caetano (2003), sabe-se que quando a homossexualidade é descoberta ou assumida em meio ao contexto familiar, as reações preconceituosas não são diferentes e a maioria daqueles que se percebem dentro da classe LGBT necessitam enfrentar grandes entraves.

Abramovay, Castro e Silva (2004) dizem que facilmente há experiências frustradas nas relações familiares quando o indivíduo se apresenta homossexual nesse núcleo, já que a maioria das famílias não consegue conceber essa situação como algo natural, para que seja possível um acolhimento afetivo assim como o ofertado aos sujeitos que manifestam o padrão da heteronormatividade. As agressões (físicas e

psicológicas), ameaças e quaisquer outras formas de violência demonstram, segundo os autores, os medos, frustrações e a intolerância existentes nesses familiares.

Sarti (2004) defende a ideia de que quando essa intolerância é encontrada dentro da família, pode ser um indicativo de que os familiares não estão preparados para lidarem com seus próprios “demônios” voltados à questão da sexualidade, o que não implica dizer necessariamente, que os mesmos são homossexuais, mas sim que há lacunas em seus desejos não resolvidos ou não conhecidos na subjetividade individual. Além disso, há uma relação com o que foi previamente planejado e ansiado pela família, como a concepção de netos, por exemplo, quando a discriminação ocorre através dos próprios pais do indivíduo homossexual.

Com base nesta breve reflexão, buscar-se-á ao longo deste estudo refletir acerca de situações que envolvem a família, enquanto entidade que dissemina pensamentos e comportamentos preconceituosos contra indivíduos pertencentes a comunidade LGBT, em especial os homoafetivos. O Ciclo familiar deveria ser, portanto, o espaço onde qualquer indivíduo receberia acolhimento e apoio para o enfrentamento das dificuldades cotidianas. Torna-se relevante a construção de estudos de caráter reflexivos para que haja apoio àqueles que se encontram – ou já se encontraram – em situações de discriminação, além de poder proporcionar a possibilidade de novos olhares para familiares que ainda possuem a heteronormatividade enquanto conceito de conduta sexual e civil correta.

2. PERCURSO METODOLÓGICO

Trata-se de uma revisão bibliográfica integrativa através de material impresso e das bases de dados eletrônicas, sendo elas: Scielo (Scientific Electronic Library OnLine) e LILACS (Literatura Latino Americana e do Caribe em Ciências Sociais e da Saúde). Os descritores utilizados nas bases de dados OnLine foram “LGBT” “Violência

Familiar”; “Homofobia”. Para a seleção dos estudos foram aplicados os seguintes critérios de inclusão (a) materiais brasileiros, (b) materiais na língua portuguesa e (c) materiais disponibilizados na íntegra. Como critérios de exclusão foram considerados: (a) materiais repetidos, (b) materiais com idiomas em inglês ou outros, (d) resumos de congressos, (e) materiais que constam outras temáticas, (f) materiais incompletos, e (g) materiais que não possuam cunho científico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

3.1 A SEXUALIDADE SENDO GUARDADA PELA FAMÍLIA

O sexo passou a ser construído através de uma rede de informações considerada sutil a partir do século XVIII com discursos que entoavam formas avaliadas como corretas de prazeres e saberes, o que fez com que os indivíduos necessitassem se enquadrar em padrões de sexualidade (FOUCAULT, 1988). Durante o século XIX esse dispositivo passa a ganhar maior força vindo a atuar com procedimentos e métodos de controle, onde eram construídas tecnologias médicas que envolviam o sexo e definiam modelos, tradições e rituais a serem seguidos para que os sujeitos pudessem alcançar a felicidade e produtividade (FOUCAULT, 2004).

De acordo com Miskolci (2003), modelo ideal de comportamento foi instaurado pela burguesia. A partir desse ideal, as pessoas que se identificavam homossexuais eram detentoras de identidade patológica de acordo com a psiquiatria, já que a heterossexualidade era a única forma de manifestação sexual saudável à luz da época.

Devido a essa construção, a sexualidade passa a ser algo guardado pela família, em que seus integrantes detêm o direito de questionar e/ou julgar a maneira como os demais passam a vivenciar seus desejos eróticos (DONZELOT, 1986). De acordo com Batinder (1986) a homossexualidade para indivíduos do gênero feminino torna-se um agravante, tendo em vista que, historicamente, construiu-se a ideia de submissão

feminina no meio doméstico e a sua função majoritária de perpetuação da família através do período gestacional.

A mídia nos últimos cinco anos, tem fomentado uma visão mais ampliada sobre discriminação LGBT, propiciando maiores espaços de discussões e debates políticos junto a sociedade e órgãos públicos. Mesmo em meio as limitações estruturais da sociedade, constrói-se ideias e leis de criminalização por atos de homofobia, além de políticas afirmativas dos direitos humanos. No entanto, no âmbito de assistência não somente psicológica, mas holística, faz-se necessário promover maior capacitação dos profissionais que estão no mercado de trabalho e necessitam atender a este público dignamente. (MELO et. al. 2010).

3.2 FILHOS (AS) COM NECESSIDADE DE ACEITAÇÃO

Quanto a aceitação, Singly (2000, p. 14) afirma que é no espaço onde circula o amor que se constrói grande parte da identidade pessoal dos indivíduos, o que implica dizer que os sujeitos buscam por espaços onde eles se percebam como alguém considerado autêntico e importante, o que faz com que sua existência passe a ter maior sentido.

Conforme o pensamento do autor supracitado, é explicitado que é na família – independentemente de como ocorre sua constituição – que nasce a necessidade de reconhecimento e aceitação de acordo com a subjetividade de cada um de seus componentes. O ser humano necessita do sentimento de aceitação e busca na família – seu primeiro ciclo social – o maior peso de reconhecimento em meio as transformações pessoais.

Toledo (2013) constatou que a possibilidade de cortar relações com a família é um dos eventos mais deprimentes e estressantes entre os homossexuais no seu processo de descoberta e aceitação relacionado a sexualidade, assim como no momento de

revelação de suas preferências não enquadradas na heteronormatividade. Na pesquisa desenvolvida por este autor percebeu-se que a presença de homofobia em meio ao contexto familiar foi colocada como a pior forma de discriminação vivenciada pelos participantes.

O estudioso da temática Borrillo (2010) utiliza-se do termo “homofobia liberal” que diz respeito ao preconceito mascarado lançado pelos familiares e/ou ciclos sociais mais próximos, no qual geralmente se demonstra uma aceitação e respeito que não condizem com o pensamento e comportamento dispensado em relação àquele indivíduo que revelou sua dissidência de gênero. De acordo com Schulman (2010), esse tipo de apresentação da homofobia está fundamentada na ideia de que o homoafetismo não é legítimo, logo, o homossexual passa a ser tolerado ao mesmo tempo em que o mesmo é anulado.

Quando a homossexualidade é conservada em segredo provavelmente ocorre por duas razões: ou pelo sentimento natural de carinho que é desencadeado pelos familiares ou por uma certa lealdade inconsciente que existe em relação aos comportamentos familiares que foram desenvolvidos ao longo dos anos e aprendidos – principalmente – na infância. Entretanto, na chegada da adolescência esse cenário ganha novo formato, pois “parte do processo de amadurecimento é trair nossa lealdade infantil às nossas famílias, rompendo regras e depois criando uma lealdade adulta” (MASON, 2002, p. 47).

Sendo assim, acredita-se que uma dualidade pode vir a surgir no sentimento de revelação sobre a orientação sexual frente a família, onde há o desejo de reconhecimento do sujeito em sua autenticidade e por outro lado há o temor de desmoronar as possíveis relações saudáveis construídas já que a ideia de não se enquadrar no padrão definido pela sociedade e fortificado pela família pode ser visto

como uma traição à fidelidade. Schulman (2010) afirma que é desejo comum nos homossexuais que suas famílias aceitem a condição sexual destes, porém quando tal aceitação não ocorre, os homossexuais preferem ter o amor familiar que o amor conjugal.

3.3 OS PAIS E A DIFICULDADE DE ACEITAÇÃO

É comum que as famílias tentem implantar dentro de casa modo inconsciente ou cultural a heteronormatividade, estimulando seus (suas) filhos (as) a seguirem performances que correspondam ao seu sexo biológico através da sexualidade, geralmente através de estratégias que valorizam e estimulam as relações sexuais no modelo heterossexual (SCHULMAN, 2010). Segundo Modesto (2008), as reações que os pais possuem frente a admissão de uma orientação sexual fora do modelo padrão depende de alguns fatores como, por exemplo, o tipo de vínculo que é construído entre os indivíduos, o comprometimento religioso e o moralismo social.

Da mesma forma encontra-se a fortificação da heteronormatividade em meio ao discurso implantado no meio familiar, podendo este ocorrer através do total silêncio frente as discussões que envolvem diversidade sexual, a produção de estigmas negativos, a segregação dos indivíduos homossexuais da família ou até mesmo a violência física e psicológica contra estes, podendo causar uma tendência suicida ou a prática de homicídio tendo o homossexual como vítima. (BORGES, 2009).

Referindo-se mais uma vez a pesquisa desenvolvida por Toledo (2013), constatou-se que a descoberta ou revelação da homossexualidade é um processo bastante doloroso tanto para os pais quanto para os (as) filhos (as), chegando a desenvolver questões de vigilância, ameaças, proibições, invasão de privacidade e chantagens. Todas essas situações anteriormente citadas já fazem parte de um contexto de violência psicológica que varia dependendo da intolerância dos pais.

Com base nessas situações, Schulman (2010, p. 74) diz que essa é “a forma mais comum de homofobia e a mais fácil de ser executada”, efetuando assim uma ruptura frente aos direitos humanos e tornando essas relações além de desumanas, regulares e normativas. Este mesmo autor afirma que o comportamento de evitar os homossexuais no ciclo familiar mais extenso se torna normal, exemplificado pela falta de convites para eventos sociais onde toda a família estará unida ou as recomendações sobre se comportar dentro do que é correspondido ao seu gênero biológico.

Acerca da negação familiar, Castañeda (2007, p. 117-118) destaca que: “não é apenas o parceiro que é anulado: trata-se de uma negação pura e simples dos sentimentos, das necessidades afetivas, e da vida cotidiana e social do filho ou da filha homossexual”. Mason (2002) salienta quando se implanta a ideia de que a homossexualidade deve ser mantida em segredo por ser algo vergonhoso isso pode vir a desencadear comportamentos de isolamento com sentimentos angustiantes nos filhos, porém: Quando os segredos são revelados, temos menos a esconder e podemos ser mais espontâneos e mais vulneráveis. [...] Arriscamo-nos a perda da confiança no relacionamento; enfrentamos sentimentos de raiva, desapontamento, mágoa, alívio, tristeza e fúria. Contudo, quando arriscamos mais de nossa parte humana, sentimos conexão humana natural (MASON, 2002, p. 53).

Castañeda (2007) acredita que a maioria dos pais de homossexuais desenvolvem sentimentos de luto e culpa pela sexualidade dos (as) filhos (as), acreditando que falharam em algum ponto da educação. Isso reflete diretamente no sentimento de desapontamento e discriminação sofridos pelo filho. Baseando-se nos estudos desenvolvidos por Elisabeth Küble-Ross, Castañeda (2007, p. 91) diz que:

[...] o luto compreende necessariamente uma série de reações que são normais quando sofremos uma perda afetiva. Assim passamos pela negação (não é verdade, não estou acreditando), a raiva (como pode ter feito isso comigo?), a barganha mágica (talvez eu pudesse fazer alguma coisa para evitar), a depressão (minha vida não tem mais sentido), a culpabilidade

(deveria ter agido de outro modo) e, enfim, a aceitação (eu fiz o melhor que pude, não há mais nada a fazer).

Por fim, apoia-se em Foucault (2004) quando este afirma que a dissidência da heterossexualidade não está pautada somente no ato de manter relações sexuais com alguém do mesmo sexo, sendo algo mais profundo que se remete às leis do relacionamento, da composição, da conjugalidade, do amor e da família. Diante disso, torna-se mais difícil para algumas pessoas aceitarem as uniões homoafetivas, o que passa a influenciar diretamente no meio familiar quando o medo do preconceito que virá do ciclo social faz com que este mesmo preconceito venha a surgir dentro das próprias relações familiares.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se a partir da reflexão proposta que a homofobia na família, se desenvolve mais facilmente quando os indivíduos estão fechados para um possível conhecimento acerca do assunto, desenvolvendo assim apatia pelo outro, já que a referência de família ainda é aquela que preservava a sexualidade cultuada no século XIX, em que o controle sobre os membros se apresenta através da heterossexualidade.

A homofobia familiar é um potencializador da discriminação e do preconceito social sofrido em espaços macrosociais. Aponta-se, então, a família enquanto um importante dispositivo que necessita ser alvo de políticas públicas que busquem naturalizar as condições sexuais que ocorrem fora da heteronormatividade, auxiliando na diminuição da vulnerabilidade dos indivíduos homossexuais e nos efeitos danosos que a discriminação acarreta na sua liberdade de expressar quem verdadeiramente é.

5. REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.; SILVA, L. B. da. **Juventude e sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

Jorge Daniel Lucena de Santana, Vitória Sales Firmino, Nathiene Patrícia Ferreira
Amaral Rolim, Aissa Romina Silva do Nascimento

ALMEIDA, A. L. N. O gênero construído: a influência do conceito na construção de identidade de duas iguais. **Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo: Dossiê**, n. 19, abr., 2017.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

BORGES, R. da C. Pais e mães heterossexuais: relatos acerca da homossexualidade de seus filhos e filhas. **Dissertação de mestrado**, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade de São Paulo (Ribeirão Preto), 242pp, 2009.

BORRILLO, D. Homofobia: história e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: **Autêntica Editora**, 2010.

CARRARA, S.; RAMOS, S.; CAETANO, M. (Coord.). **Política, direitos, violência e homossexualidade**: 8ª Parada do orgulho LGBT. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

CASTAÑEDA, M. A experiência homossexual: explicações e conselhos para os homossexuais, suas famílias e seus terapeutas (TEIXEIRA-FILHO, F.; HERVOT, B. - Trad.). São Paulo: **A Girafa Editora**, 2007.

DONZELOT, J. A polícia das famílias. 2ª ed. Rio de Janeiro: **Graal**, 1986.

FOUCAULT, M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: **Graal**, 1988.

FOUCAULT, M. Sexualidade e solidão. In.: MOTTA, M. B. da (Org.). **ética, sexualidade, política** (pp. 92-103). Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

MASON, M. J. Vergonha: reservatório dos segredos na família. In.: IMBER-BLACK, E. (Org.). Os segredos na família e na terapia familiar (pp. 40-54). Porto Alegre: **Artmed**, 2002.

MELLO, L.; MAROJA, D.; BRITO, W. Políticas públicas para população LGBT no Brasil: um mapeamento crítico preliminar. 2010. Disponível em http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277347233_ARQUIVO_PPLGBT-FG2010.pdf Acesso em 11 de setembro de 2018.

MISKOLCI, R. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, 7(13/14), 109-126, 2003.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Revista Bagoas**, 5, 67-78, 2010.

SINGLY, F. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. In.: PEIXOTO, C. E.; SINGLY, F.; CICHHELLI, V. (Orgs.). Família e individualização (pp. 13-19). Rio de Janeiro: **Editora FGV**, 2000.

TOLEDO, L. G. “Será que eu tô gostando de mulher?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista. **Tese de doutorado**,

HOMOFOBIA FAMILIAR: NÚCLEO DISCRIMINATÓRIO DA POPULAÇÃO LGBT

Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Assis), 434pp, 2013.